

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

GISELA M. A. RICHTER, *Attic Red-Figured Vases. A Survey*. Metropolitan Museum of Art. New Haven, Yale University Press 1958. Revised Edition. 209 pp. e 125 figuras.

O estudo da Dr.<sup>a</sup> Gisela M. A. Richter sobre *Vasos Áticos de Figuras Vermelhas* foi recebido com entusiástico aplauso por todos os especialistas da matéria, quando publicado pela primeira vez, em 1946, como uma espécie de *editio minor* do seu monumental catálogo em dois volumes, de colaboração com Lindsley F. Hall, *Red-Figured Vases in the Metropolitan Museum*. Com um número muito mais reduzido de ilustrações, e, por outro lado, um maior alargamento de vistas — pois já não se restringia à colecção, aliás importantíssima, do Museu Metropolitano de Nova Iorque, antes abrangia muitos outros exemplos — o novo livro da que era então conservadora desse Museu tornou-se uma espécie de *vade mecum* do estudioso de Vasos Gregos. Na verdade, quando se trata de matéria tão especializada como esta, que exige uma soma de conhecimentos — tanto literários como linguísticos, históricos, artísticos — maior do que qualquer outro ramo dos Estudos Clássicos, toda a tentativa de sistematização pressupõe do seu autor uma sólida preparação científica, um fino sentido do estilo e uma actualizada informação. Estava nestas condições a Dr.<sup>a</sup> Richter, de uma família de artistas, já bem conhecida por outros trabalhos sobre cerâmica grega, nomeadamente o seu estudo fundamental, *Shapes and Names of Athenian Vases*, New York, 1935 (de colaboração com Marjorie J. Milne), e ainda por outros trabalhos notáveis sobre escultura grega, de que salientamos o seu famoso *The Sculpture and Sculptors of the Greeks*, recentemente reeditado, e o excelente manual de arte grega, *A Handbook of Greek Art*, publicado no decurso deste ano.

O livro de que vamos ocupar-nos encara, de urna forma precisa e clara, os vários aspectos da cerâmica ática, desde o começo do Estilo de Figuras Vermelhas (530 a.C.) até ao seu final, que coincide, *grosso modo*, com os últimos anos do séc. iv a. C. Esta delimitação cronológica implica, de passagem, algumas observações sobre o Estilo de Figuras Negras e de Fundo Branco, que, como é sabido, coexistiram com aquele.

Antes, porém, de historiar a evolução do estilo, a A. oferece, na introdução, um conspecto geral, da cerâmica grega, seus motivos, ornatos, formas, inscrições, cronologia e técnica da execução e decoração dos vasos. Seguidamente, define os diversos estilos, suas características e principais representantes, para terminar com algumas considerações sobre a última fase, que precede imediatamente o triunfo da cerâmica de relevo. De salientar em especial, nesta análise (que, apesar de extensa, não chega a abranger metade dos quinhentos pintores identificados através dos

trabalhos do Prof. Sir John Beazley) a precisão e rigor com que se enumeram as características de estilo, que se vão desenvolvendo na representação do corpo humano, especialmente na expressividade dos olhos (cf., por exemplo, pp. 60-63) e a sempre frutuosa comparação com a escultura coeva (p. 64). Algumas gravuras, inseridas no próprio texto, documentam as afirmações feitas. Outras ilustrações encontram-se no final, antes do longo corpo de notas. Segue-se o índice geral. Na primeira edição, havia ainda um utilíssimo índice de museus, que agora foi suprimido, certamente porque os números de muitos vasos de autoria hoje reconhecida foram alterados. No curto aditamento ao prefácio agora publicado, a A. adverte o leitor de que, nesse aspecto, há que aguardar a 2.<sup>a</sup> edição dos famosos *Attic Red-Figured Vase-Painters* do Prof. Beazley, para se corrigirem todas essas inexactidões. E quem, como a autora destas linhas, conhece e viu muitas vezes que os *Paralipomena* àquela obra, que o nosso ilustre Mestre põe à disposição dos estudiosos na biblioteca do Museu Ashmoleano de Oxford, ocupam, só por si, uma pequena estante, não tem dúvidas de que muitas serão as alterações a fazer.

De um modo geral, esta edição dos *Attic Red-Figured Vases* não diverge muito da primeira, a não ser, precisamente, no capítulo da Introdução. Descobriu-se, finalmente, a técnica de produção do verniz negro que cobre a quase totalidade dos vasos gregos, e que é parte não pequena da sua severa beleza cromática. A honra cabe ao alemão Theodor Schumann, que, em Heisterholz, na Westfália, fez experiências, no decurso da última guerra, que puseram a claro o processo usado. Demonstrou ele que, embora estivesse fundamentalmente certa a teoria anterior de Charles F. Binns, segundo a qual o óxido de ferro vermelho do barro, usado para o verniz, se transformava em óxido de ferro preto ao fogo, por redução, devia acentuar-se que o negro não é um verniz no sentido moderno, pois não contém álcali suficiente para o tornar susceptível de fundir a urna dada temperatura, mas sim um barro líquido, que contém ferro, com as partículas mais pesadas eliminadas por meio de um colóide protector. Por conseguinte, o verniz obtido era fino e macio. Deste modo, a A. admite agora que a decoração do vaso começava com o acto de cobrir a superfície com um soluto de barro nessas condições, que dava o típico matiz avermelhado às partes «reservadas», depois de ir ao fogo (pois, na terceira fase, tornava a oxidar-se), ao passo que as restantes partes do vaso ficavam cobertas com o tal verniz negro. Admite ainda que, posteriormente, se intensificasse a cor com uma aplicação de ocre vermelho na superfície.

O corpo da obra não apresenta grandes alterações, a não ser na inclusão de um ou outro espécime recentemente adquirido pelo Museu Metropolitano de Nova Iorque, no alargamento da designação de *Pintor do Rapaz Gordo* (*Fat Boy Painter*) para *Grupo do Rapaz Gordo* (*Fat Boy Group*) (p. 159), na adição do *Pintor do Etíope* (*Ethiopian Painter*) (p. 114) e na identificação feita pelo Prof. Sir John Beazley, do autor do *lekythos* aribalesco de Nova Iorque como sendo o *Pintor de Munique 2363* (*Painter of Munich 2363*). O vaso foi estudado, como as demais representações de Amazonas, por D. von Bothmer, na sua obra monumental *Amazons in Greek Art*, Oxford Monographs on Classical Archaeology, Oxford University Press, 1957, p. 202.

Interessa ainda ao leitor português saber que, no decurso da obra, são mencionados alguns pintores com representação no nosso País, nomeadamente o *Pintor*

dos *Tirso Negros* (*Black-Thyrso Painter*, p. 158), autor de um vaso da Coleção do Prof. Doutor F. Gentil, recentemente oferecido ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra (publicado na 1.<sup>a</sup> parte do nosso estudo *Notícia acerca de Vasos Gregos existentes em Portugal*, in «Humanitas», VII-VIII, 1956, pp. 191-194 e figs. 16, 17 e 18); o *Pintor de Hémon* (*Haimon Painter*, p. 75), do qual existe um *lekythos* de figuras negras, com uma cena de *symposion*, na coleção do Sr. Duque de Palmella (publicado na 2.<sup>a</sup> parte do estudo acima referido, in «Humanitas», XI, 1959, p. 23 e figs. 13,2; 14 e 15); o *Pintor de Timbos* (*Tymbos Painter*, p. 114), de que a mesma Coleção Palmella encerra dois *lekythoi* (também publicados na 2.<sup>a</sup> parte do nosso estudo, p. 24 e figs. 16,4 e 17,2); e, finalmente, o *Pintor de Coghill* (*Coghill Painter*, p. 130), cuja obra mais notável, o *calyx-krater* da Coleção Gulbenkian, mencionado pela A., se encontra agora no Palácio Pombal, em Oeiras (publicado diversas vezes e reproduzido também na 2.<sup>a</sup> parte do nosso artigo, pp. 29-30 e figs. 24 a 28).

Os especialistas de Estudos Clássicos e de Historia da Arte em geral, os de Historia Antiga e de Arqueologia, todos encontram documentação preciosa no estudo da cerâmica grega. Seja-nos permitido traduzir as palavras da Dr.<sup>a</sup> Richter a este propósito (p. 2):

«A atracção desta cerâmica é múltipla e o seu estudo deveria interessar um vasto público. A precisão das formas e o verniz negro, fino e acetinado, são uma fonte de inspiração para o oleiro. O fino desenho linear e a adaptação das figuras ao espaço que lhes é destinado, de formas variáveis e superfícies recurvas, proporcionam deleite ao pintor. As cenas fornecem material precioso ao arqueólogo, para a compreensão da vida e do pensamento gregos, porquanto os mitos helénicos e a vida ateniense se encontram aqui ilustrados numa série de quadros «contemporâneos». Ao historiador de arte, apresenta-se similarmemente um rico festim. Encontra aqui grande abundância de pinturas, que oscilam em data do estilo primitivo ao plenamente desenvolvido, no qual se resolvem gradualmente muitos problemas representacionais. Uma das grandes realizações dos Gregos foi terem emancipado a arte do desenho do sistema convencional de fórmulas bi-dimensionais e terem mostrado o processo de representar numa superfície plana figuras bi-dimensionais, tais como aparecem aos nossos olhos. Para nos contar esta cativante história, restam-nos apenas os Vasos Gregos».

É essa «cativante história» que a Dr.<sup>a</sup> Richter traça, com mão segura, através das duzentas páginas deste livro, que, com ser breve e conciso, não deixa de ser claro e rigoroso, e, ao mesmo tempo, permeado de Ijma fina sensibilidade artística, indisponível para analisar à sua verdadeira luz toda a obra de arte.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA